

TRADUÇÃO, EQUÍVOCO E UMA ANIMAÇÃO PROIBIDA PARA MENORES DE 18 ANOS

Ana Paula Lemos CAPELLANI

RESUMO: Através deste trabalho procuraremos (re)discutir algumas questões de tradução (como, por exemplo, a idéia de texto original e sua relação metonímica com a sua tradução) e dar-lhes um olhar discursivo, expondo-as a conceitos como os de sujeito e língua como propostos inicialmente por Michel Pêcheux e desenvolvidos nos estudos de Eni Orlandi. Não pretendemos com isso propor soluções para tais questões, apenas ampliar o leque de possíveis maneiras de conceber este campo de estudos. Estabelecendo a tradução como uma possibilidade de interpretação entre outras e expondo-a ao equívoco constitutivo da língua(gem).

ABSTRACT: This work examines some important matters on translation studies (for example, the matter of the original text and of its metonymic relation with its translation) through a discursive perspective. Our purpose is to build a bridge between those translation matters and the concepts of subject and language as initially proposed by Michel Pêcheux and developed in Brazil by Eni Orlandi.

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente, é interessante lembrarmos que a Análise de Discurso de cunho materialista, doravante AD, é uma teoria que se constitui no entremeio de outras disciplinas e na ruptura com panoramas teóricos preliminares.

A ruptura que mais nos interessa neste momento é com relação ao conceito saussuriano de língua como um sistema fechado de signos. Pensar a língua como um sistema fechado imobiliza os sentidos, faz com que eles pareçam imutáveis e não permite perceber a relação entre língua e história que configura a definição de discurso. Esta perspectiva procura entender a língua não só como forma, estrutura, mas também como *acontecimento – estrutura inserida na história* (Pêcheux, 2002).

Partindo desta visão, o signo nunca está completo. O significado é sempre determinado historicamente e passível de mudança. Em consequência desta relação, compreendemos a linguagem como um sistema, mas não fechado e inflexível, imutável, em que os sentidos são sempre os mesmos e evidentes para todos. Para nós a linguagem nunca se fecha, está sempre aberta e incompleta. Ela é sempre falha e falta. Os sentidos estão sempre em movimento, em um eterno deslocar-se devido à incompletude estruturante da língua e ao exercício obrigatório da interpretação pelos sujeitos.

Para definirmos o sujeito da AD é necessário, primeiramente, tratarmos dos *esquecimentos* propostos por Michel Pêcheux. O autor distingue duas formas de esquecimento no discurso.

O *esquecimento número um* é aquele da ilusão de que somos a origem do nosso dizer e não de que repetimos sentidos já existentes. O modo como tratamos repetição aqui não tem nenhuma relação com uma repetição pura e simples como a de um papagaio que repete o que lhe é ensinado. Tomamos a repetição proposta por Orlandi (2004), *repetição histórica*. As palavras do sujeito para fazerem sentido devem

inscrever-se historicamente a uma memória que as torna repetíveis e interpretáveis por outros sujeitos. Este *esquecimento número um* é trabalho da *ideologia* na instância do inconsciente. O trabalho ideológico é o de inscrever sujeitos a determinadas redes de sentido a partir de suas posições no discurso. O efeito do trabalho da *ideologia* é o de transparência dos sentidos e, como já colocamos, do sujeito como origem do seu dizer. Ele esquece que repete sentidos **já** estabilizados, **já** constituídos historicamente.

O *esquecimento número dois* é o esquecimento enunciativo. Ao falarmos temos a ilusão de que o que falamos só pode significar de uma maneira e não de outra(s). Segundo Orlandi, este esquecimento produz em nós a ilusão da relação direta entre pensamento, linguagem e mundo. A ilusão de que há uma ligação automática entre palavra e coisa. Entretanto este esquecimento é “*semi-consciente, e muitas vezes voltamos sobre ele*” (Orlandi, 2001, p.35). Isto implica dizer que muitas vezes reformulamos nossas palavras, pondo em evidência que o modo **como** dizemos faz diferença, acarreta diferentes formas de interpretar.

Estas diferentes formas de interpretar não são aleatórias. Os sentidos não são aleatórios. Eles são determinados pelas *condições de produção* a que estão inscritos e à memória histórica – *interdiscurso* – que os possibilita. Orlandi define as *condições de produção* como o contexto sócio-histórico e ideológico em que sentidos circulam. E as relações entre sentidos ancoram-se em um permanente jogo de forças que estabelece as posições dos sujeitos no discurso. O lugar de enunciação de um sujeito constitui o que ele diz e o que pode ser interpretado a partir de sua fala. Assim, uma mesma pessoa pode falar de posições diferentes, em diferentes momentos e significar de maneiras diferentes em função do lugar, da posição que está ocupando no momento de sua enunciação.

Retomamos, assim, que os sentidos não são aleatórios. Eles são determinados pelas suas *condições de produção*, pela memória – *interdiscurso* – que o possibilita e pela posição ideológica de quem fala. Chegamos, então, ao conceito de *Formação Discursiva*, que é o que define, a partir de uma posição do sujeito no discurso, em um determinado contexto sócio-histórico, e ancorado no efeito do trabalho da *ideologia*, as possibilidades do dizer.

Os sentidos estão sempre em movimento, em um eterno deslocar-se devido à incompletude estruturante da linguagem e ao exercício obrigatório da interpretação. Segundo Orlandi:

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação de linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que as diferentes linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos. (Orlandi, 2004: 9).

Lagazzi-Rodrigues complementa explicando que:

(...) as palavras, em funcionamento, são sempre passíveis de sentidos contraditórios, de diferentes interpretações, porque os fatos se formulam de maneiras distintas para as pessoas (Lagazzi-Rodrigues, 2006: 84).

Se existem diferentes possibilidades de interpretar e, conseqüentemente, diferentes possibilidades de significar, estamos sempre sujeitos ao **equívoco**. Nesta perspectiva, não tomamos o **equívoco** como erro ou engano, mas sim como uma relação necessária entre sujeito, interpretação e história.

O efeito de evidência dos sentidos que se dá através do trabalho ideológico está diretamente ligado ao sujeito e à interpretação. Um sentido é evidente para um sujeito quando aquele se inscreve a uma memória que o torna possível. Este (re)conhecimento ‘registra’ acontecimentos e autoriza sentidos. O sentido se constitui na relação entre sujeito e memória (exterioridade e história) e destes com a língua.

Para Pêcheux, a língua aparece atravessada por uma divisão entre dois espaços. Um é o dos sentidos estabilizados manipulados por uma ‘*higiene pedagógica do pensamento*’ (Pêcheux, 2002). A ilusão de evidência dos sentidos de que tanto necessitamos para fazer a linguagem funcionar é mantida por um jogo político-ideológico que determina quem detém o poder de direcionar os gestos de interpretação dominantes e que garante a estabilidade de tais gestos. O outro espaço é o de transformação dos sentidos, é o ponto de falha da língua onde o movimento indefinido das interpretações foge a qualquer sentido definido a priori. É neste ponto que a língua está intrinsecamente exposta ao **equívoco**. A interpretação é sempre passível de mudanças e deslocamentos, os sentidos podem ser sempre outros. O **equívoco** é, como já dissemos, sempre possível e necessário. A linguagem é, assim, constituída pelo histórico e pelo equívoco.

2. QUESTÕES DE TRADUÇÃO

Partindo das idéias de Arrojo, pretendemos discutir questões relacionadas à relação entre texto original e tradução e a noção de fidelidade, interpondo tais questões à equivocidade intrínseca à língua e à sua constituição pela história.

Fazendo uma breve leitura de teóricos recentes dos estudos de tradução percebemos que, em geral o processo tradutório é definido como uma operação de transferência ou substituição de significados de uma língua para outra. Segundo Catford, “*a tradução é a substituição do material textual de uma língua pelo material textual equivalente em outra língua*” (Catford, apud Arrojo, 1999: 12). Eugene Nida compara a tradução a um trem de carga. Segundo ele a carga pode ser distribuída de inúmeras formas entre os vagões de um trem e o mesmo ocorre com relação às palavras em uma tradução, a distribuição da carga de sentidos e significados pode ocorrer de várias maneiras. O que realmente importa nesse processo de transporte, transferência (de cargas ou de sentidos) não é a quantidade de carga ou a seqüência dos vagões, mas que essa carga chegue intacta a seu destino. Assim, também no processo de tradução, o que importa é que os significados do conteúdo do original atinjam a língua-alvo ilesos.

Considerando tais exemplos de teorias de tradução, podemos perceber que as concepções de língua e sujeito dos teóricos acima mencionados são bem diferentes daquelas propostas no início de nosso texto. Em oposição às nossas idéias, estes autores pensam a língua a partir de uma perspectiva estruturalista, tomando-a como um sistema com delimitações, fechado, em que uma palavra se relaciona natural e diretamente a uma coisa sem levar em conta qualquer aspecto exterior (contexto, história ou quem a enuncia). Para Arrojo, o tradutor teria, assim, uma função meramente mecânica. Seu trabalho seria o de garantir que a carga de sentidos chegasse intacta a seu destino.

Nesta perspectiva a noção de texto original toma proporções de objeto sagrado, estável e estabilizado que não deve sofrer qualquer alteração quando transposto. E a

quem o tradutor deve ser totalmente fiel, não deixando de transferir nenhum item que compõe seu conteúdo uno e restrito.

Afastando-nos desta posição, tomamos a metáfora de texto original como *palimpsesto* (Arrojo, 1999). Segundo a autora, os dicionários definem este termo como um antigo material de escrita usado, devido à sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes através da raspagem do texto anterior. A relação metonímica original /tradução já não se pauta tanto na relação original/cópia através desta definição e a concepção de tradução já pode ser vista por outro prisma. A tradução passa a ser vista como uma outra leitura, uma outra interpretação possível do texto original. Ela deixa de ser uma atividade que preserva os significados do original sagrado e toma a posição de produtora de sentidos (Arrojo, 1999).

Encarando a tradução como uma prática entre línguas, conseqüentemente, num âmbito de dupla incompletude e a posição-sujeito-tradutor como historicamente determinada propomos analisar os *efeitos de sentido* produzidos pelo *gesto de interpretação* do tradutor das dublagens do desenho animado Madagascar da DreamWorks®.

3. O FILME

O desenho é sobre quatro animais que vivem em um zoológico em Nova York, um leão, uma zebra, um hipopótamo e uma girafa. Todos extremamente acostumados a regalias e serviços oferecidos pelo zôo muito similares aos que nós humanos também estamos acostumados. A zebra, Marty, decide conhecer a “natureza” e tenta fugir para Connecticut, estado norte-americano onde, na suposição dos animais, a natureza existe. Dirige-se ao Grand Central Terminal, a estação de trem mais tradicional da cidade de Nova York. Seus amigos, Alex, Melman e Gloria vão à sua procura e todos acabam sendo encurralados no saguão da estação. Os policiais utilizam-se de pistolas com dardos de tranqüilizantes para facilitar sua captura. Os animais são colocados em caixas e transferidos para uma reserva. Entretanto, o navio é interceptado pelos pingüins que também fugiram do zôo e Marty, Alex, Melman e Gloria acabam naufragos em Madagascar. Lá encontram os animais nativos e toda uma série de acontecimentos se desenrola.

4. UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Propomos analisar trechos de uma cena do filme relacionando o que foi traduzido e dublado na época de sua exibição nos cinemas, com o excerto de uma notícia que divulga a proibição do filme para menores de 18 anos publicada em um jornal on-line também na época em que o filme estava em cartaz, e, por fim, com a dublagem permanente que está nos filmes comercializados para exibição doméstica.

Tal análise terá por base a (re)discussão de questões sempre em voga no campo teórico da tradução, como apontamos ao longo dos itens acima, tomando os conceitos discursivos de língua, sujeito, da noção de equívoco, entre outros, para prestar-lhes um

olhar diferente daqueles que há tanto tempo circulam que chegam a fazer parte do senso comum.

Prendendo-nos à questão da tradução como produtora de efeitos de sentido a partir do gesto de interpretação do tradutor e pensando na relação das *condições de produção* do texto e do gesto, procuraremos explicitar como a equivocidade intrínseca à língua levou uma animação a ser proibida em algumas cidades brasileiras.

Pretendemos, através deste estudo, compreender como a tradução desta fala, mais especificamente de uma palavra desta fala, funcionou como estopim que rompeu a estabilidade de um sentido (in)equivoco e reorganizou a memória discursiva em função da possibilidade da deriva de sentidos, em função da possibilidade de interpretações outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARROJO, R. (1999). "Oficina de Tradução", Ed. Ática, São Paulo.
- BOLOGNINI-ZINK, C. (2003). "A Língua Estrangeira como Refúgio", in: M. J. CORACINI (org.), *Identidade e Discurso: (Des)Construindo Subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (2001). "Tempo, História e Ideologia", in: *Línguas e Instrumentos Lingüísticos* (6), pp. 73-83.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. (2006). "Texto e Autoria", in: E. ORLANDI e S. LAGAZZI-RODRIGUES (orgs.), *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. P. (1992). *As Formas do Silêncio. No movimento dos Sentidos*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- _____. (2001). *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes.
- _____. (2004). *Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M. (2002). *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes.